

## COMENTÁRIO BÍBLICO

14º Domingo Comum – Ano A

05jul2020

Êxodo 1,6-14.22—2,10; Salmo 124; Romanos 7,14-25a

S. Mateus 11,25-30

*<sup>25</sup>Naquele momento, Jesus exclamou: «Agradeço-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque revelaste aos simples estas coisas que tinhas escondido aos sábios e entendidos. <sup>26</sup>Sim, Pai, agradeço-te, por ter sido essa a tua vontade. <sup>27</sup>Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.*

*<sup>28</sup>Venham ter comigo todos os que andam cansados e oprimidos e eu vos darei descanso. <sup>29</sup>Aceitem o meu jugo e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração. Assim o vosso coração encontrará descanso, <sup>30</sup>pois o meu jugo é agradável e os meus fardos são leves.»*

1. Quando leio esta passagem de S. Mateus fico sempre com a sensação incómoda de que Jesus só quer ter consigo o ingénuo, o crédulo, o inocente, o humilde, o ignorante, e outros significados da palavra ‘simples’ que podemos ler no Dicionário. O que é ser ‘simples’, hoje, numa sociedade secularizada, a que alguns chamam pós-cristã, que se esforça por ‘mostrar’ que para se ser feliz não é preciso acreditar em Deus? Se assim for, podemos perceber que por ‘simples’ Jesus quer dizer aquela e aquele que às coisas comuns da sua vida acrescentam a busca de Deus, do bem, da felicidade e aceitam a fé como dom. Aquela e aquele que vivem centrados numa ideia de ‘necessidade’ de Deus. Que, por maiores que sejam as suas habilitações e competências, convivem com a sua fragilidade/vulnerabilidade. Os que ‘sabem’ que o que têm e o que valem só foi conseguido porque Deus o permitiu na saúde conseguida, na inteligência doada, na vontade formatada com a presença de Deus no seu coração.

Esses são os ‘simples’, «os que tomam sobre si o jugo leve de uma vida conforme à revelada por Jesus como a vida humana de acordo com o desígnio de Deus, uma vida rica de sentido e de amor, uma vida habitada pela solicitude para com o outro, uma vida autenticamente humanizante.»<sup>1</sup>

2. A profunda relação de Jesus com o Pai, “*Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.*” Tal intimidade que nos revela quem é Jesus e quem é Deus. Um conhecimento mútuo tão profundo que nos faz perceber que só na vida e modo de proceder de Jesus é que podemos conhecer a Deus. Ou, por outras palavras, a vida e o comportamento de Jesus são a revelação de Deus, pois, só em Jesus conhecemos e encontramos o Transcendente, Deus.

3. A propósito do confinamento imposto à população por efeito da pandemia do COVID-19, o psiquiatra Dr. Daniel Sampaio, em entrevista ao Público de Domingo passado, dizia: “(...) a inquietação (do confinamento) aumenta a ansiedade. O sintoma mais frequente que tenho encontrado é a insónia: pessoas que dormiam bem e deixaram porque estão inquietas. Pessoas

com mais sonhos e pesadelos, mais tensas, mais inquietas, depressões. As questões do divórcio, depois do confinamento, devem aumentar.” Pois é, a vida por vezes dá-nos a volta – a saúde que se afunda, a ansiedade pelo emprego que não acontece, a incerteza sobre o futuro, a incompreensão dos acontecimentos, enfim, um chorrilho de circunstâncias em que nos vemos envolvidos que nos faz perder o equilíbrio, isto é, a segurança, e entramos em depressão. Passamos a ser aqueles a quem Jesus chama “*cansados*” e “*oprimidos*”. Cansados por um jugo que oprime. E esse jugo é tudo o que nos faz sofrer, seja o que seja, venha donde vier. Então, Jesus diz-nos que nessa altura está connosco. Ou seja, para os que creem a Sua presença refaz o equilíbrio e concede a força interior para enfrentar as dificuldades. Porque Ele é humanidade, isto é, “*manso e humilde de coração*” para os que O aceitam na ‘simplicidade’ das suas vidas.

4. Celebra-se neste Domingo, 5 de Julho, o 40º aniversário da integração oficial da Igreja Lusitana na Comunhão Anglicana. Eu estive lá, não apenas no culto, como, antes, em todo o processo. As ações preparativas, as discussões, as dúvidas, o trabalho aturado do Bispo Luís Pereira e os dois Sínodos da decisão. Não foi fácil mas conseguiu-se. O Bispo Luís Pereira, presente na Conferência de Lambeth de 1978, conseguiu levar o tema da nossa situação eclesial à agenda da Conferência e, então, ali foi votada uma resolução que apoiava a integração de pleno direito da Igreja Lusitana e da Igreja Espanhola Reformada Episcopal na Comunhão Anglicana.

Na verdade, a Igreja Lusitana foi influenciada pela eclesiologia anglicana desde o princípio. A primeira Liturgia usada na Igreja foi uma tradução do Livro de Oração Comum inglês. Só depois, em 1884, surgiu uma liturgia própria, mas com influência preponderante das liturgias das Igrejas Anglicanas. A organização canónica da Igreja nascente foi também influenciada pelo modelo eclesial anglicano, sinodal e episcopal e os clérigos lusitanos das primeiras décadas ou eram padres católico romanos ou foram ordenados por Bispos anglicanos e todos usavam as vestes anglicanas. Aliás, foi com a compreensão teológico-pastoral da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América (por ação dos então presbíteros, Dr. Daniel de Pina Cabral e Dr. Luís Pereira) que foi possível sagrar o nosso primeiro Bispo, D. António Ferreira Fiandor, em 1958. Ou seja, a Igreja Lusitana desde o seu início era na prática uma igreja anglicana na fé e ordem, mas sem o reconhecimento oficial da Comunhão Anglicana. Era uma situação que causava dificuldades de indefinição doutrinal no relacionamento inter-religioso na altura.

Com a oficialização da integração numa família eclesial mundial, pela declaração do Senhor Arcebispo de Cantuária, como Autoridade Metropolitana, na qualidade “de sinal de unidade da Comunhão Anglicana”, a Igreja Lusitana ganhou uma identidade que lhe abriu portas nas Igrejas e Organizações Anglicanas. Por outro lado, foi manifesto um sentimento de pertença entre os membros da Igreja, de muita valia na relação com as outras Igrejas, tanto a nível internacional como nacional, em particular com a Igreja Católica Romana. Também, permitiu que a Igreja fosse chamada a uma participação ativa nos órgãos anglicanos de mais alto nível, a Comissão Permanente e a Comissão de Finanças do Conselho Consultivo Anglicano.

Deus seja louvado!

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

---

<sup>i</sup> Enzo Bianchi, “Para uma ética partilhada”, Pedra Angular, 2009, pág. 45